

VII Seminário FESPSP – “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 09 – Pensamento Sociológico Brasileiro 85 anos de institucionalização

Pelas margens: uma perspectiva feminina de análise do processo de institucionalização das Ciências Sociais em São Paulo.

Bárbara Luisa Fernandes Pires¹
Unicamp

Resumo: A partir da trajetória da ensaísta brasileira Gilda de Mello e Souza (1919-2005) a proposta deste trabalho é debater alguns aspectos do processo de mudança ocorrido em São Paulo na década de 1930 promovido pela entrada consistente de mulheres de vários segmentos sociais no ensino superior. Ao explorar a trajetória e a experiência dessa autora procura-se, como ponto de partida, expor as dificuldades iniciais que as mulheres tiveram em consolidar suas carreiras e as disputas que travaram em torno dos sentidos simbólicos de sua inserção naquele espaço institucional, predominantemente masculino.

Palavras-chave: Gilda de Mello e Souza. Gênero. Institucionalização.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/UNICAMP) com bolsa Fapesp (nº 2017/11533-0). E-mail: barbaraluisa.pires@gmail.com .

Introdução

Gilda Rocha de Mello e Souza (em solteira, Gilda de Moraes Rocha), socióloga de formação, foi uma ensaísta e crítica de cultura. Nasceu em São Paulo no dia 24 de março de 1919 e passou a infância na fazenda Santa Isabel em Araraquara (SP). Retornou no ano de 1930 para a capital paulista a fim de prosseguir seus estudos. Nesse período, teve parte de sua formação orientada por seu primo de segundo grau, o escritor modernista Mário de Andrade (1893-1945), com quem conviveu sob o mesmo teto durante 13 anos. Em 1937 ingressou no curso de Filosofia e foi uma das primeiras mulheres a estudar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP)², instituição centro da Universidade de São Paulo criada em 1934, onde obteve o título de bacharel em 1939 e de licenciada em 1940.

Na Universidade, foi aluna dos professores da “missão francesa”, entre eles, Jean Maugüé (1904-1990), Claude Lévi-Strauss (1908-2009) e Roger Bastide (1898-1974), de quem foi orientanda e assistente, entre os anos de 1943 e 1954, na cadeira de Sociologia I. Participou da fundação da revista *Clima* (1941-1944), que segundo Heloisa Pontes, foi o primeiro produto cultural da FFCL, onde publicou alguns contos e ensaios. No núcleo central da revista estavam, Antonio Candido (1918-2017) - com quem a autora se casou no ano de 1943 -, Decio de Almeida Prado (1917-2000), Paulo Emilio Salles Gomes (1916-1977), Lourival Gomes Machado (1917-1967) e Ruy Coelho (1920-1990). Esteve ligada profissionalmente, desde o fim de sua graduação, com a Seção de Ciências Sociais. Em 1950 doutorou-se em Sociologia com a tese *A moda no século XIX*, publicada no ano seguinte na *Revista do Museu Paulista* e republicada em 1987 pela Companhia das Letras com o título *O espírito das roupas*. Transferiu-se, em 1954, para a Filosofia da USP como responsável pela Cadeira de Estética, da qual foi fundadora e onde lecionou até se aposentar, em 1972. Entre 1969 e 1972, em meio a ditadura militar, foi chefe de Departamento, ocasião em que fundou e dirigiu a revista *Discurso*. Em 1999, tornou-se professora emérita da FFLCH/USP³.

² A faculdade manteve esse nome entre 1934 e 1969, quando foi transformada na atual Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo.

³ Apesar do grande contingente de mulheres inseridas no contexto de profissionalização acadêmica na USP, a obtenção de títulos dentro dessa instituição foi uma conquista recente para as mulheres. A socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz (1918-) foi a primeira mulher a receber o título de

Sua produção ensaística posterior é reconhecida pela abrangência temática e pela circulação interpretativa entre várias formas artísticas. Na tese transformada em livro, *O espírito das roupas*, por exemplo, escolhe a vestimenta como objeto privilegiado de análise. Ao trata-lo simultaneamente, como fenômeno sociológico e artístico, investiga os contrastes entre o universo feminino e o masculino do século XIX que, por sua vez, era permeado por tensões de classe e de papéis sociais onde a moda tornou-se, na leitura da autora, mediadora do jogo de integração e distinção entre os grupos.

Quando se tornou professora de Estética, em 1954, começou a escrever e a publicar e ensaios sobre moda, literatura, pintura, teatro, cinema, dança⁴. Em 1979, foi publicada a primeira edição de *O Tupi e o Alaúde* (ed. Duas Cidades), no qual dedicou-se ao estudo da obra *Macunaíma* (1928) de Mário de Andrade⁵.

Em 1980, lançou o livro *Exercícios de leitura* (ed. Duas Cidades), que foi republicado em 2009 em parceria com a editora 34. A obra é uma reunião de ensaios escritos entre as décadas de 1950 e 1970, polifônicos tematicamente e que circulam entre a análise de várias realizações artísticas. Seu último livro, *A ideia e o figurado* (2005, ed.34), foi publicado no ano de sua morte e reúne a produção mais recente da autora. Assim como em *Exercícios...* Gilda contempla nessa obra análises das diferentes expressões da arte moderna.

Contudo, interessa, nesse momento, captar o início da trajetória intelectual da autora que está situada, justamente, em um contexto de mudanças sociais que ocorreram no cenário paulista entre as décadas de 1930 e 1940 e que abrangeram renovações no plano político, econômico, cultural, institucional e de gênero. Na esfera das relações de gênero a mudança ganhou novos contornos através, por exemplo, da possibilidade de entrada consistente de mulheres no ensino superior. A

Professora Emérita na Faculdade de Filosofia, apenas no ano de 1990. Sobre a dimensão das disputas simbólicas entre professores e professoras da USP, ver: SPIRANDELLI, 2011.

⁴ Vários ensaios foram publicados originalmente em jornais e revistas e posteriormente organizados em seus dois livros de ensaios: *Exercícios de leitura* ([1980] 2009), que surgiu pela primeira vez na coleção *O Baile das Quatro Artes*, da Livraria Duas Cidades, e em *A ideias e o figurado* (2005) publicado pela Editora 34 no conjunto de obras publicadas pela coleção *Espírito Crítico* (da qual a autora também participou do conselho editorial) e cuja a intenção, segundo o site da própria editora, era a de formar “uma verdadeira biblioteca de referência, com ênfase nos Estudos Literários, apresentando obras de Antonio Candido, Alfredo Bosi, Roberto Schwarz, Gilda de Mello e Souza, Davi Arrigucci Jr., Georg Lukács, Erich Auerbach, Theodor Adorno e Walter Benjamin, entre outros” (Disponível em: <http://www.editora34.com.br/quemsomos.htm>).

⁵ O texto foi escrito originalmente para compor o volume *Mário de Andrade Obra Escogida* (novela, cuento, ensayo, epistolário), da coleção *Biblioteca Ayacucho* (empreendimento cultural venezuelano sob supervisão do crítico literário uruguaio Ángel Rama (1926-1983)).

partir desse índice constitutivo de mudança, procura-se compreender como o ingresso na instituição universitária, propiciou às mulheres da geração de Gilda novas possibilidades e rearranjos em seus destinos pessoais e em suas carreiras que até então encontravam-se circunscritas nos limites consagrados pela família, pelo marido ou pela igreja.

O processo de inserção dessas mulheres em outras esferas, mesmo que ainda marcado por assimetrias e dificuldades no âmbito pessoal e profissional, permitiu que algumas delas, como foi o caso da autora, pudessem encontrar nesse cenário urbano, que então crescia e se metropolizava, e em instituições como a universidade, uma via legítima de expressão feminina e um elemento problematizador das identidades de gênero (cf. PONTES, 2010).

Portanto, como eixo norteador deste trabalho, pode-se argumentar que a diferenciação baseada no marcador social do gênero teve suas distâncias problematizadas quando as mulheres, no decorrer do século XX, vislumbraram a possibilidade de reorientar os papéis sociais para o qual tinham sido educadas e inventarem para si um novo destino. Foi nesse contexto e sob essas circunstâncias que a crítica Gilda de Mello e Souza pode experienciar, apesar de divisada entre valores contraditórios e aspirações conflitantes, essa etapa de transformação dos estilos de vida e modelos socialmente esperados e previamente traçados para as mulheres de sua classe social e de sua geração⁶.

1. O ingresso da mulher nas instituições universitárias paulistas

Apesar do ensino superior ser permitido às mulheres desde 1879, poucas puderam frequentá-lo. A oportunidade de acesso ampliado, para além dos estudos primários, surgiu para as mulheres, no Estado de São Paulo, apenas em 1875 quando a Escola Normal passou a recebê-las. Já nas primeiras décadas do século XX havia uma forte demanda do Estado em preparar professores para suprir as os

⁶ Em paralelo à profissionalização, a participação das mulheres na política brasileira é uma conquista recente, em 1922 foi criada a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, cujos principais objetivos eram a batalha pelo voto e livre acesso das mulheres ao campo de trabalho. Em 1928, é autorizado o primeiro voto feminino (Celina Guimarães Viana, Mossoró-RN), mesmo ano em que é eleita a primeira prefeita no país (Alzira Soriano de Souza, em Lajes-RN). Ambos os atos foram anulados, porém abriram um grande precedente para a discussão sobre o direito à cidadania das mulheres. No Governo de Getúlio Vargas, em 1932, é garantido o sufrágio feminino, sendo inserido no corpo do texto do Código Eleitoral Provisório (Decreto 21076) o direito ao voto e à candidatura das mulheres, conquista que só seria plena na Constituição de 1946. Em 1933, é eleita Carlota Pereira de Queiróz, primeira deputada federal brasileira.

postos abertos com a expansão do ensino médio no país. As escolas normais passaram a ser constituídas majoritariamente de discentes do sexo feminino, a formação dessas alunas conformou, naquele período, o magistério primário como uma “profissão de mulheres”⁷. Portanto, do ponto de vista da profissão, à mulher que era escolarizada, ⁸ estava reservado fundamentalmente o lugar de professora primária⁹. Contudo, é importante destacar que, mesmo nessa instituição, havia uma diferença de gênero estabelecida no currículo pedagógico e na estrutura escolar, mediante a divisão das turmas, por exemplo, entre os alunos do sexo masculino e feminino.

A criação da Escola Livre de Sociologia e Política em 1933 e da Universidade de São Paulo em 1934 garantiu novas possibilidades de desenvolvimento profissional, momento em que as mulheres passaram a vislumbrar novas possibilidades de rearranjos em seus destinos pessoais. Já em 1935, subsidiados pela Secretaria de Educação do Estado, houve uma política pública de comissionamentos por meio da qual professoras e professores primários poderiam cursar a universidade sem prejuízos ao exercício do magistério. Essa foi a primeira política pública instalada após o primeiro ano de criação da Universidade de São Paulo.

Os resultados desse acesso registram, no primeiro ano de funcionamento da FFCL, 8 mulheres matriculadas no total de 182 alunos dos cursos e seções oferecidos pela faculdade. No ano seguinte, em 1935, ocorreu um aumento

⁷ Entendidas aqui como uma “construção social ligada à relação entre os sexos” que têm como princípio organizador uma relação desigual (PERROT, 2005, p.58) No início do século XX, a ideia de profissão feminina era marcada por diferenças substanciais quando relacionadas às criações teóricas e intelectuais feitas por homens, onde o qualificativo “masculino” é considerado quase um sinônimo de “profissional” Afinal, quando a noção de “profissão feminina” toma corpo no século XIX em uma conjuntura de profissionalização, a ideia de “fazer carreira” se afasta de uma “noção feminina”, “para a mulher, a ambição, sinal incongruente de virilidade, parece deslocada” pois implicava, na maioria dos casos, “em uma certa renúncia, sobretudo do casamento” (Idem, p.255).

⁸ Sob o decreto de criação 6283/34 de 25/01/1934, a Universidade de São Paulo, teve como centro a Faculdade de Filosofia, incorporou os institutos de ensino superior então existentes em São Paulo: a Academia de Direito criada em 1827, a Escola Politécnica em 1894, a Faculdade Livre de Farmácia em 1899, a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz em 1901 e a Faculdade de Medicina em 1913. Também em 1933 foi fundada a FFCL “Sedes Sapientiae” que era uma iniciativa da congregação religiosa Cônegas de Santo Agostinho, destinada exclusivamente a alunas do sexo feminino.

⁹ Acrescenta-se como dados relativos à questão da mulher e o trabalho que, no Brasil, desde o século XIX, as mulheres ocupavam uma alta porcentagem no trabalho industrial (a indústria têxtil empregava a maior porcentagem de força de trabalho feminina), sem ignorar o intenso trabalho, no período escravocrata, da mulher escrava e das “trabalhadoras livres”. Em 1940 cerca de 60% das mulheres economicamente ativas trabalhavam na agricultura. Os serviços domésticos representavam 14% da força de trabalho feminina (cf. BLAY; LANG, 2004, p.16-17 e RAGO, 2002, p.581).

significativo no número de mulheres, 77 em relação ao total de 218 matriculados (TRIGO, 1997, p.61).¹⁰ Entre os anos de 1936 a 1955 as mulheres que integravam a turma de Ciências Sociais já somavam 60% do corpo discente (MICELI, 2001, p.96). Um levantamento abrangendo um intervalo maior de tempo (1936-1969), contabilizou uma proporção mais elevada de mulheres, 65% entre os diplomados (SPIRANDELLI, 2011, p.41). Esse regime de comissionamento foi um dos primeiros fatores significativos para a inclusão de alunas e alunos de diferentes condições socioeconômicas e, sobretudo, de mulheres.

O novo modelo de possibilidades aberto ao contingente feminino implicava, de certa forma, um deslocamento da esfera familiar e privada para a profissional e pública. Sua adoção exigiu das mulheres muito esforço emocional “para superar as limitações conservadoras e jogar-se num campo novo” (BLAY; LANG, 2004, p.57). Almejando esse novo modelo, Gilda ousou “uma escolha imprevista”, distanciando-se dos modelos conformados em seu ambiente familiar, escolheu para si, ao ingressar na universidade, um outro destino:

Aos poucos, no entanto, o vento da rebeldia foi varrendo tudo: as crenças, os hábitos piedosos, o estilo de vida patriarcal; enfim, toda *banalidade das antigas distrações*, para que eu só retivesse o que me dizia respeito e se ligava à Faculdade: a revelação das aulas e o *encantamento do novo convívio* (SOUZA, 2004, p.66. Grifos nossos).

Desafiando os padrões de gênero previstos na época Gilda preferiu, em suas palavras, se “realizar como um homem” (GALVÃO, 2014, p.51). A afirmativa da autora revela uma percepção acerca dos papéis do homem e da mulher na sociedade em meados do século XX. Ocupar um cargo público e profissional no “campo acadêmico”¹¹ já era, para o homem, uma posição consolidada, a estrutura masculina de organização e representação do mundo social perpetuava a ideia de que algumas funções sociais são femininas e outras masculinas, diante dessa

¹⁰ Os dados foram coletados por Maria Helena Bueno Trigo (1997) nos *Anuários da FFCL 1934/1935*. Os cursos eram: Filosofia, Matemática, Física, Química, Ciências Naturais, História/Geografia, Ciências Sociais, Letras Clássicas/Letras Estrangeiras. Em termos comparativos, Maria Arminda Arruda, escrevendo sobre o processo de institucionalização das Ciências Sociais em Minas Gerais constatou que a distribuição por sexo na Universidade de Minas Gerais da primeira à última turma de formandos do curso de Sociologia e Política (1956-1966) foi de 63,45% de homens em relação à 36,6% de mulheres. Nas três primeiras (1956-1958), por exemplo, não houve nenhuma mulher matriculada. Entretanto, diferentemente dos cursos da FFCL e da ELSP o curso e a grade curricular da faculdade mineira era inicialmente voltada para a área administrativa e menos para o magistério (Miceli, 2001, p.309).

¹¹ Noção empregada por Pierre Bourdieu (1989). Nela a ideia de “campo” é entendida como um espaço social determinado de relações objetivas estruturado por posições de poder e trocas simbólicas.

dicotomia, para a mulher foi necessário negociar sua presença naquele espaço. Ser uma intelectual, naquele período, não era exatamente uma classificação disponível, era necessário negociar o gênero para garantir as primeiras formas de acesso à vida universitária e formas de inserção e manutenção de suas presenças naquele espaço.¹²

Apesar disso, O impacto da Faculdade repercutiu de maneira muito diversa na experiência das mulheres dessa primeira geração. O antigo preconceito masculino, ainda que mais brando, fazia-se presente mesmo entre os colegas de curso. Maria Helena Bueno Trigo (1997) afirma que as disputas estavam muitas vezes inscritas nos próprios códigos de sociabilidade que eram domínio do grupo masculino. Embora parecessem à vontade no novo ambiente de convívio, Gilda continuou sentindo-se insegura e, como muitas outras internalizava as exclusões sociais e barreiras simbólicas provenientes daquele espaço, segundo a autora:

Era a primeira vez que via o grupo feminino e masculino se defrontando no espaço neutro das tarefas escolares, onde a disputa intelectual se faria com grande *fair-play* sujeitando a todos às mesmas regras. Mas, bem no fundo, estaríamos realmente sendo tratados como iguais? (SOUZA, 2004, p.68)

Nos depoimentos e entrevistas autobiográficas de fundo memorialístico, aparece a necessidade de Gilda de externar experiências passadas, muitas vezes difíceis e conflituosas, no contexto da inauguração dos primeiros cursos superiores da FFCL. O espaço universitário que estava sendo gestado na década de 1930 abarcava diferentes elementos se comparado aos padrões de outros espaços de socialidade da época pois estava, até certo ponto, fora da restrição do controle moral exercido pela religião ou pelas famílias que eram majoritariamente destinados às mulheres. Estas puderam conviver em um ambiente intelectual laico com outros jovens provenientes de formações e origens sociais distintas. Entretanto, ainda segundo seu relato, parece haver uma barreira invisível que impunha certos limites e diferenças as possibilidades de inserção e atuação do grupo feminino e masculino nesse espaço.

Analisando comparativamente outras trajetórias de intelectuais da mesma geração, constata-se que, naquele período, o tipo de afirmação feita por parte

¹² Para Bourdieu (2003), as mulheres teriam interiorizado regras do mundo masculino (um *habitus*) a assimilação de categorias masculinas de pensamento e de atuação de mundo representariam a dominação simbólica masculina que produz e garante as relações assimétricas e desiguais entre os sexos, por exemplo.

dessas mulheres que tiveram acesso ao ensino superior se estabeleceu através da reordenação de memórias e valores do velho modelo de identidade feminina que ainda vigorava no interior das famílias. Essa tentativa implicava, em alguns casos, na substituição, do modelo feminino pelo masculino (“optei por [me] realizar como um homem” – afirmação da autora ao ingressar na Faculdade), em outros, uma tentativa de conciliação desses dois modelos (como parece ser, num segundo momento, o caso de Gilda). Aferindo a repercussão e o impacto da faculdade na trajetória e no temperamento das mulheres de sua geração, levando em conta as experiências diversas pelas quais passaram, a própria autora estabeleceu uma tipologia que pudesse dar conta de avaliar os resultados dessas experiências sociais de acordo com três esquemas:

O primeiro, mais *radical* – teria arrebanhado as mais afirmativas e talvez mais corajosas -, foi apagar o velho modelo feminino [...] por outras palavras, constituiu em assumir integralmente a carreira intelectual, com todos os sacrifícios afetivos que isso implicava. O segundo, *cauteloso*, foi tentar um *compromisso entre o novo e o velho* optando pela carreira, mas sem radicalismo, quer dizer, procurando preservar alguns traços do modelo convencional. E o terceiro, *conservador*, foi voltar à antiga dependência, mas convertendo o papel de prisioneira do lar em secretária dedicada: aquela que localiza as obras na estante, ficha os assuntos, ajuda e pequenas pesquisas, discute as ideias, passa os originais a máquina e se realiza modestamente, delegando à cabeça do casal as glórias finais (GALVÃO, 2014, p.53. Grifos nossos).

As escolhas e os destinos descritos na classificação tipológica proposta por Gilda -radical, cauteloso, conservador - levam em conta o contexto de transição ao qual essas mulheres tentavam se adequar¹³. Na maioria dos casos, as experiências de substituição, conciliação ou aceitação do antigo modelo, foram marcadas por desajustes e inseguranças. Essas inseguranças transferiram-se, por exemplo, ao comportamento corporal, aos hábitos e aos estilos adotados, à aparência física e às maneiras de se vestir¹⁴ que orientavam o contato entre os sexos, mas que prevaleciam sobre as atitudes femininas. A internalização de certas características relacionadas a esses conflitos e desajustes marcou objetivamente a escolha dos

¹³ Entre as mulheres sociólogas paulistas dessa primeira geração, Maria Isaura Pereira de Queiroz (1918-) foi a única mulher a acompanhar, em termos quantitativos, o padrão de produtividade de seus colegas mais consagrados, como Florestan Fernandes, alcançando grande reconhecimento no campo científico.

¹⁴ O ideal feminino, para essas jovens que buscavam outros espaços de afirmação, buscava um estilo de vestimenta e uma atitude que correspondesse a essa nova atitude, a postura feminina que as mulheres deveria revelar ao mesmo tempo, segundo as percepções da autora, “autoconfiança e recato”, dando uma impressão de independência, mas sem ser considerada muito “masculina”. Esse tipo de comportamento foi personificado nas telas de cinema por atrizes como, Joan Crawford (1904-1977), Katherine Hepburn (1907-2003) e Greta Garbo (1905-1990), que foram sinônimos, nos anos 1930 e 1940, de independência feminina (Cf. GALVÃO, *op.cit.*, p.52).

projetos intelectuais de algumas dessas mulheres pioneiras transpondo-se muitas vezes como matéria e assunto de seus escritos. Sugere-se que a autora, adaptando-se de maneira cautelosa, como propõe seu próprio esquema classificatório dos tipos de atuação das mulheres naquele período, conciliou os modelos. A experiência da condição feminina, seja na ficção ou na produção acadêmica, foi assunto de grande parte de seus textos.

2. Assimetrias e diferença de gênero nos primeiros tempos universitários

A trajetória da autora, assim como a de outras mulheres de sua geração, é marcada por assimetrias e barreiras impostas as carreiras femininas quando comparadas ao grupo masculino. No grupo cultural no qual a autora estava inserida, o da revista *Clima* (1941-1944), por exemplo, foram poucas as mulheres que conseguiram firmar sua autoridade e renome. Os grupos culturais ainda eram marcados muitas vezes por impulsos conservadores em relação a atuação intelectual de mulheres:

as mulheres, apesar de numerosas e inteligentes, ocuparam uma posição secundária e foram relativamente excluídas ou se auto excluíram (o que dá no mesmo, pois representa a forma cabal de internalização psicológica de uma exclusão social) dos espaços mais amplos de produção intelectual marcadamente masculinos. A flagrante exceção da escritora Virginia Woolf (no caso do *Bloomsbury Group*) e de Gilda de Mello e Souza (a única mulher do grupo *Clima* que conquistou nome próprio, em razão de sua trajetória acadêmica e dos trabalhos que produziu nas áreas de sociologia e estética) apenas confirma a assimetria das relações de gênero no interior desses círculos” (PONTES, 1998, p.16-7).

As funções que as mulheres ocupavam na revista eram basicamente três: como poetisas e contistas – na condição de escritoras eventuais; como personagens do “universo ficcional masculino” e como “costura da redação” oferecendo apoio logístico e afetivo para a produção da revista. Já aos homens, “couberam as posições e os temas nobres: a cultura e a editoria de seções permanentes” (PONTES, 1998, p.132).

Gilda lembrou que os colegas homens se relacionavam com as mulheres como uma espécie de *marchand*, sua disposição e interesse em apostar nas integrantes do sexo feminino eram bem menores, quando comparados aos colegas do mesmo sexo, embora elas apresentassem talento não mereciam o mesmo crédito (GALVÃO, 2014, p.51). Apesar de ter escrito contos e críticas para *Clima*, a autora,

diferentemente de alguns dos principais integrantes, não possuía nenhuma seção fixa e atuou como uma espécie de “coringa” na revista. Contudo, entre as mulheres do grupo, Gilda foi a única que conseguiu conciliar a escrita, a carreira universitária e as demais atribuições da vida pessoal e afetiva.

Além da desigualdade no processo de inserção das mulheres no interior dos grupos culturais, a divisão sexual do trabalho implícita na FFCL estabelecia uma assimetria entre os cargos, títulos e cadeiras, as mulheres eram relegadas a ocupar uma posição secundária, como as de assistentes, por exemplo. Havia um “*slogan*” na época que dizia: “mulheres são ótimas assistentes...e péssimas catedráticas” (PEREIRA, 2009 apud SPIRANDELLI, 2011, p.19).

Um exemplo desse caso, após Roger Bastide ir para França definitivamente em 1954, foi a escolha de Florestan Fernandes para substituí-lo na Cadeira I, após ter obtido seu título de livre-docente em 1953. Diante dessa mudança alguns membros foram realocados em favor de novos auxiliares associados ao projeto de Florestan – sobretudo aqueles que haviam colaborado com a pesquisa sobre relações raciais em São Paulo encomendada pela Unesco. Foram prejudicadas pela mudança, Maria Isaura Pereira de Queiroz, que era a auxiliar mais antiga e a própria Gilda (mais alinhadas ao projeto de sociologia da cultura alavancado por Roger Bastide), que na época mudou de área e optou por transferir-se para a Cadeira de Estética na seção de Filosofia. O acontecimento aclara o “entrelaçamento entre disputas acadêmicas e assimetrias de gênero no contexto das novas instituições de ensino superior paulistas”, colocando, na maioria das vezes, as mulheres em posição de desvantagem, “a progressão de suas carreiras, quando comparada à dos homens, foi tortuosa e difícil” (PINHEIRO, 2016, p.168-9).

Antes da mudança de área Gilda também passou algumas dificuldades de legitimação quando defendeu, alguns anos antes, sua tese de doutorado. Na época, como afirma Heloisa Pontes, existiam temas classificados como mais “nobres” ou “legítimos”, que eram estudados de modo quase exclusivo pelos homens (cf. Pontes, 1998; 2004), e outros que eram tidos como menores, esse foi o caso daquele selecionado por Gilda quando escolheu a vestimenta como assunto de sua tese de doutorado em 1950 intitulada *A moda no século XIX*. Apesar da abordagem de orientação sociológica, seu assunto foi considerado um tema “fútil”, “coisa de mulher” (Pontes, 2006, p.90). A própria autora retoma essa classificação na

introdução do texto de 1950 quando ele foi republicado em 1987: “Naquela época ele constituiu uma espécie de desvio em relação às normas predominantes nas teses da Universidade de São Paulo. Hoje a perspectiva mudou, e o tema abordado, que talvez tenha parecido fútil a muita gente, assumiu com o transcorrer do tempo uma atualidade inesperada”.

Na tese, a autora aborda, a partir da análise do vestuário, a ambivalência das posições ocupadas pela mulher quando esta começa a ocupar de forma mais incisiva a esfera pública e outras atividades profissionais durante o século XIX. Um exemplo disso é divisão dualista que foi estabelecida entre a moda feminina e a masculina em seus códigos diversos. Ao questioná-la, Gilda recorre ao exemplo das *suffragettes*, que aspiraram ocupar novos papéis sociais, pessoais e profissionais, desinteressando-se pelo adorno e pela preocupação com a moda, “realizando-se como um homem”, para usar uma frase da própria Gilda ao descrever sua trajetória, ao mesmo tempo que ainda lidavam com dificuldades e inseguranças do processo de inserção nessa nova esfera:

dilacerada entre dois pólos, vivendo simultaneamente em dois mundos, com duas ordens diversas de valores. Para viver dentro da profissão adaptou-se à mentalidade masculina da eficiência e do despojamento, copiando os hábitos do grupo dominante, a sua maneira de vestir, desgostando-se com tudo aquilo que, por ser característico do seu sexo, surgia como símbolo de inferioridade: o brilho dos vestidos, a graça dos movimentos, o ondulado do corpo. E se na profissão era sempre olhada um pouco como um amador dentro do seu grupo onde os valores ainda se relacionavam com a arte de seduzir, representava verdadeiro fracasso. Não é de se espantar que esse dilaceramento tenha levado a mulher ao estado de insegurança e dúvida que perdura até hoje. Pois perdeu o seu elemento mais poderoso de afirmação e ainda não adquiriu aquela confiança em si que séculos de trabalho implantaram no homem (SOUZA, 1987, p. 106).

Heloisa Pontes (2004, p.42) chama atenção para o fato de que, “embora a autora esteja abordando a experiência das *suffragettes*”, seu estudo sobre a moda consegue estabelecer uma relação que também narra a experiência “dela e das mulheres da sua geração”, ainda segundo a autora, “das mulheres que, como Gilda, experimentaram uma transição de modelos de comportamento, procurando novas formas de expressão simbólica da feminilidade”, lançando-se em carreiras consideradas até então como masculinas. A experiência social da transição de modelos de comportamento e de valores, como proposta anteriormente, foi compartilhada entre várias mulheres de sua geração e de sua classe que tentavam combinar modelos de realização pessoal e profissional com a ordem tradicional.

Entre a “arte e a ciência”, após a defesa da tese e as mudanças na cadeira de Sociologia I, Gilda migrou da ficção para a Sociologia e da última para a Filosofia¹⁵. Mesmo nessa nova área, ainda enfrentou dificuldades de reconhecimento, a disciplina de Estética costumava ser menosprezada pelas direções do Departamento, no senso comum, diziam que os estudiosos dessa vertente filosófica se ocupavam de “firulas, plumas e lantejoulas” – “coisas de mulher!” (MICELI E MATTOS, 2007, p.34). Sob essa mesma insígnia, em meados dos anos 1960, a condição que ocupava no Departamento de Filosofia aproximava-se a de “exílio”, cercada por especialistas era, como lembrou Paulo Arantes (1994, p.14), “uma *ilha* da melhor prosa de ensaio do país”¹⁶.

Em contraposição a essa visão de isolamento da figura de Gilda no interior da instituição, a atuação da autora no Departamento foi marcada por atos de “coragem” e “força”, o que não era esperado naquele tempo das realizações femininas. No ano de 1969, no auge da ditadura militar brasileira (1964-1985), foi anunciada uma ação conduzida pelo então ministro da Justiça Gama e Silva (1913-1979) que prescrevia a cassação de vários professores da USP, incluindo o reitor em exercício, Hélio Lourenço de Oliveira (1917-1985), e docentes da Faculdade de Filosofia como José Arthur Giannotti (1930 -) e Bento Prado Júnior (1937-2007), foi nessa ocasião que a autora aceitou exercer a chefia do departamento que estava ameaçado de desaparecer. Nesse cargo enfrentou o então reitor da USP, Miguel Reale (1910-2006) que queria colocar um interventor no departamento alegando que o mesmo não possuía um número suficiente de professores exigidos pela lei. Em contrapartida a essa decisão do reitor, Gilda conseguiu assegurar a defesa de quatro mestrados, um doutorado e uma livre-docência (de Maria Sylvia de Carvalho Franco, que também teve sua formação inicial na Sociologia). Adiantando e asseverando algumas defesas devolveu ao departamento o nível de titulação exigida e garantiu sua autonomia (cf. MICELI; MATTOS, 2007, P.34).

Como destacou Heloisa Pontes (1998) a trajetória da crítica foi marcada muitas vezes por certa “marginalidade”, negociações e ambivalências, no entanto, a autora destaca-se como protagonista, testemunha e remanescente desse cenário de

¹⁵ Referência ao título do artigo de Heloisa Pontes: “Gilda de Mello e Souza: entre a arte e a ciência”, que compõe a coletânea *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país* (2009), organizada por André Botelho e Lília Schwarcz.

¹⁶ Comumente referenciada como “Dona Gilda” pelos colegas e alunos de Departamento, Gilda declarou à Augusto Massi que não gostava dessa alcunha (GALVÃO, 2014, p.110-111).

renovação cultural e de acesso do grupo feminino a um ambiente que até então lhe era restrito, abrindo trilhas para as novas gerações.

3. Visibilidade de mulheres nas instituições

Ao recuperar a trajetória de Gilda em seu contexto de formação que ocorreu em paralelo ao processo de institucionalização das Ciências Sociais em São Paulo, nota-se a importância de compreender quais foram os determinantes sociais das ausências dos nomes femininos no panteão da disciplina (mesmo que elas sempre estivessem presentes em sua história). Joan Scott (1998, p.300) indica que dar visibilidade a uma experiência até então subjugada, considerando os relatos de um passado que foi ignorado ou negligenciado, possibilita a escrita das histórias em outras perspectivas, criando possibilidades de multiplicar histórias e temas que evidenciam um “mundo de práticas e valores alternativos, cuja existência desmente construções hegemônicas de mundos sociais”. A questão mais geral, como indica Mariza Corrêa (2003, p.16), está no tensionamento onde determinações sociais se esvaem quando rebatidas contra a determinação de gênero:

“é como se os pontos de fratura que as determinações de gênero provocam nesses linhas de força tradicionalmente levadas em conta [no caso, a carreira intelectual] sugerissem que elas têm o valor que lhes é atribuído apenas quando os personagens são masculinos: quando se trata de personagens femininas, a história muda de figura, literalmente”.

Nesse sentido, a narrativa histórica tradicional deu pouco espaço ao poder de fala e de escrita das mulheres. Não podendo ocupar por muito tempo o lugar da cena pública, seus registros foram considerados, pela ordem classificatória, como “semioficiais”. A irrupção da presença e das falas femininas a partir do século XIX não deixou, contudo, que subsistissem, em detrimento do grupo hegemônico,

zonas mudas e, no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da memória e, ainda mais, da História, este relato que, por muito tempo, esqueceu as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento (Perrot, 2005, p.9).

Quando as mulheres iniciaram sua incursão ao domínio da vida pública, das instituições e da ciência, como é o caso de Gilda na universidade, foram muitas

vezes censuradas por vários “porta-vozes” do decoro social da época, sobretudo pelo grupo masculino, que carregava um sentido normativo de uma ordem de gênero. A partir de categorias de diferenciação foram julgadas como sendo “portadoras de uma outra lógica, a lógica da esfera doméstica, que poderia poluir a esfera pública”, tipicamente masculina (Corrêa, 2003, p.15).

Essa distinção de lógicas de apreensão do mundo social, onde o gênero passa a ser um importante mediador de definição das carreiras femininas, parece ter sido determinante para que seus comportamentos fossem marcados por uma série de constrangimentos e inseguranças nas escolhas e destinos profissionais através, por exemplo, da internalização de impedimentos sociais não formalizados. Essas dificuldades subjetivas e objetivas que estiveram presentes ao longo da construção de suas carreiras, sob a forma de “violência simbólica”, são um dos princípios constituintes do processo de “auto exclusão” do grupo feminino da cena pública (Bourdieu, 2003, p.52).

A exposição proposta, inscrita no âmbito da história das ideias e dos intelectuais, teve como o intuito explorar e refletir sobre alguns caminhos para compreender e refletir sobre a maneira como as mulheres se inseriram, através do ingresso na universidade, no contexto social mais amplo do debate sobre a diferença sexual, levando em conta as mudanças sociais e institucionais nas quais elas participaram ativamente. A trajetória e a experiência de Gilda de Mello e Souza revelam importantes facetas de uma sociedade em mudança, diante disso, intentou-se demonstrar que o crescimento significativo de mulheres nos cursos de Ciências Humanas da FFCL, a partir da década de 1930, aumentou as possibilidades profissionais desses sujeitos na medida em que a realização de um curso superior e a possibilidade de dedicação à carreira universitária alterou, não sem impasses, a posição por elas ocupadas na esfera pública e na vida institucional acadêmica.

Referências bibliográficas

ARANTES, Paulo. **Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60)** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

BLAY, Eva Alterman; LANG, B. da Silva Gordo. **Mulheres na USP: horizontes que se abrem**. São Paulo: Humanitas, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

CORRÊA, Mariza. **Antropólogas & Antropologia**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

GALVÃO, Walnice Nogueira. (Org.). **A palavra afiada**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

MICELI, Sérgio. (Org.) **História das ciências sociais no Brasil**, v. 1. São Paulo: Sumaré; FAPESP, 1995.

MICELI, Sérgio; MATTOS, Franklin L. (org.). **Gilda: a paixão pela forma**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

PINHEIRO, Dimitri. Jogo de damas: trajetórias de mulheres nas ciências sociais paulistas (1934-1969). **Cadernos pagu** (46), janeiro-abril, 2016.

PONTES, Heloísa. A paixão pelas formas, **Novos estudos Cebrap**, São Paulo, n. 74, p. 87-105, Mar. 2006.

_____. **Destinos mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940-68)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Intérpretes da Metrópole: História Social e relações de gênero no teatro e no campo intelectual, 1940-1968**. São Paulo: EDUSP, 2010.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 16, set. 1998.

SOUZA, Gilda Rocha de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, [1950] 1987.

_____. Depoimento: Gilda de Mello e Souza. In. BLAY, Eva Alterman; LANG, B. da Silva Gordo. **Mulheres na USP: horizontes que se abrem**. São Paulo: Humanitas, 2004.

SPIRANDELLI, Claudinei. **Trajetórias intelectuais: professoras do curso de ciências sociais da FFCL-USP (1934-1969)**. São Paulo, Humanitas, 2011.

TRIGO, Maria Helena Bueno. **Espaços vividos: estudos sobre os códigos de sociabilidade e relações de gênero na Faculdade de Filosofia da USP (1934-1970)**. 1997, Tese. (Doutorado em Sociologia) – FFLCH/USP.

